

# OS FRANCESES DA BORBOREMA: PRÁTICAS CULTURAIS ENTRE OS INTELLECTUAIS CAMPINENSES (1907-1937)

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio<sup>1</sup>

## 1. A dimensão cultural da influência

O objetivo desta comunicação será investigar as aquisições e os usos dos traços e valores culturais de procedência francesa nas práticas literárias dos intelectuais de Campina Grande entre os anos 1907 e 1937, compreendendo as condições que possibilitaram a ressonância do modelo francês de civilização entre os literatos locais, relacionando Campina Grande com a sua principal área de influência, do qual o modelo estrangeiro também se fez sentir, o Recife. Tal abordagem partirá das análises das atuações de alguns intelectuais campinenses na delimitação temporal referida. Entretanto, a abordagem não privilegiou apenas o grupo social dos letrados locais envolvidos nas áreas da educação e da literatura e da imprensa, abordando também as configurações da influência francesa em outras esferas do mundo social, como a habitação e a arquitetura, também presentes no cotidiano da cidade campinense.

O uso do termo influência deve ser compreendido não no sentido “impositivo”, ou seja, como se a cultura francesa se sobressaísse como superiora à cultura campinense, havendo uma adsorção passiva dos hábitos não apenas literários, - mais também estéticos e tecnológicos. Para Certeau (2008) o consumo tanto material como simbólico envolve uma criatividade nos usos e nas práticas culturais. Portanto, devemos pensar que a influência francesa, seja na filosofia, na arquitetura ou na literatura entre os intelectuais campinenses tiveram as suas especificidades, as suas interferências no uso cotidiano.

## 2. Brasil e França: Antecedentes da relação

Ao traçar a trajetória histórica dos vínculos culturais, econômicos e políticos existentes entre o Brasil e a França o ensaísta paraibano Lyra Tavares (1979) refere-se que nenhum país contribui tanto para a história do Brasil como a França, tão presente esteve “*no espírito e no coração dos brasileiros*” (p.14). Essa presença remete-nos já ao período colonial da História brasileira com sucessivos “intercâmbios comerciais” entre os armadores e corsários franceses com os índios brasileiros do litoral, passando pela

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Campina Grande (UFCCG).

influência no pensamento e nas idéias políticas inspiradoras, por exemplo, do movimento republicano de 1817, em Pernambuco, e das lutas pela independência.

O século XIX foi na realidade o marco de toda essa influência, assinalada principalmente no campo das idéias, seja na literatura, na ciência, na filosofia, ou na política. A chegada da família Real em 1808, com a conseqüente abertura dos portos para o livre comércio simbolizou a intensificação da vida burguesa principalmente no Rio de Janeiro e no Recife.

No Brasil a admiração pela França foi especialmente entusiástica. No século XIX e primeiras décadas do século XX, víamos tudo pela ótica francesa. Paris nos ensinava a sentir e a pensar. Tudo vinha da França, desde a culinária até a filosofia, desde a comédia de Bulevar até o tratado de balística. (ROUANET, p.36, 2002.)

O Recife foi uma das principais cidades do Brasil no qual a influência francesa se mostrou de forma mais intensa, seja no âmbito material (arquitetura, por exemplo), seja nas categorias simbólicas (incluindo aí literatura, ciência e filosofia). Vejamos o quadro cultural francês da capital pernambucana entre a segunda metade século XIX e a primeira metade do século XX, antes de chegarmos a Campina Grande e os hábitos de sua elite letrada.

### **3. Um Recife Francês**

Arquitetura, habitação, moda, literatura, filosofia, ciências, em várias instâncias culturais o modelo francês se fez presente no Recife, modificando hábitos e costumes da população da capital pernambucana. Tais transformações ocorreram em especial a partir da década de 1840, no qual Francisco do Rego Barros, Futuro Conde da Boa Vista, Presidente da província de Pernambuco entre os anos de 1837 e 1841 e formado em matemática em Paris, se destacou, como um dos grandes incentivadores da cultura francesa.

Em sua administração o Recife passou a ser palco de várias intervenções municipais no sentido de lhe atribuir ares de cidade moderna, civilizadora e francesa. Tais intervenções acabaram chegando também há outras esferas no âmbito dos hábitos e dos valores da sociedade recifense, - ocorrendo assim modificações profundas no domínio da cultura, voltadas para o centro irradiador: a Paris moderna<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> De acordo com Melo (2008), já na década de 1830, os profissionais ligados à construção de ferrovias do Nordeste também eram franceses, e foram trazidos pelo próprio Conde da Boa Vista em sua missão francesa. Tal relação indica uma atuação de franceses em outras regiões, não só de Pernambuco, já na

Neste contexto, uma das principais ações do Conde da Boa Vista foi contratar Louis-Léger Vauthier, engenheiro francês, que aqui chegou ao Brasil em 1840 e passou seis anos consecutivos, onde ocupou o importante cargo de engenheiro das obras públicas da província de Pernambuco. O artista foi responsável pela construção, por exemplo, do Teatro Santa Isabel, entre outras ações no âmbito da engenharia.

A partir de Vauthier, as intervenções do novo governador tiveram clara inspiração na Paris Haussmaniana. Sua proposta foi eliminar a aparência colonial da cidade do Recife, com a “*proibição das rótulas e murcharabis que compunham as fachadas das residências urbanas de herança lusitana*” (FREYRE, 1960, p.51). Profissionais europeus, notadamente os franceses, também passaram a ser requisitados para serviços em todos os ramos durante a primeira do século XIX.

Freyre (1960), um dos mais destacados estudiosos da relação Brasil e França, realizou um estudo primoroso sobre o processo de influência destas duas culturas, através dos agentes técnicos e outros agentes de cultura material e imaterial, a partir de Vauthier. A pesquisa, intitulada *O Engenheiro Francês no Brasil*, relata com minúcias como o Recife passou por um processo intenso de afrancesamento durante a modernização nas décadas de 1840 e 1850, numa época em que a França era a soma Européia de civilização artística, literária, técnica, científica e filosófica.

O processo de afrancesamento perduraria por várias décadas, ao ponto de Freyre (1960), citar em seu estudo alguns cronistas recifenses indignados por que “*As nossas sinhosinhas e iaias já não querem ser tratados se não por demoiselle, mademoiselle e madame*” (p.57). Segundo o antropólogo pernambucano, autor do clássico *Casa Grande e Senzala*, na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, nos usos, nos trajés, nos modos, nas maneiras, só se aprovava o que era francês. Nos estilos de carriagem, nas modas de vestidos para senhoras, de fraques para homens, de chapéus, de sapatos, de chapéus-de-sol, nas técnicas de medicina, de engenharia e de arquitetura, nas de encadernação, cirurgia e culinária. Nas palavras do próprio Freyre (1960)

Do Recife talvez seja justo dizer-se que tem sido no Brasil o centro intelectual por excelência, não do modernismo, nem da modernia – embora haja resvalado algumas vezes nesses excessos – mas da modernidade, do desejo de viver o brasileiro intelectualmente em dia com a Europa e com os Estados Unidos, sem deixar de ser brasileiro (...) (p.64/65.)

---

primeira metade do século XIX. Logo “*depois da ‘missão francesa’, e com a construção de Recife - São Francisco Railway, os engenheiros ingleses começaram a substituir a influencia francesa* (MELO, p.23)

O processo de “aculturação”, de acordo com o mesmo autor teve como consequência uma emancipação cultural do Brasil da tutela portuguesa.

Chegando aos primeiros anos do século XX, Gilberto Amado (1955), memorialista sergipano, autor do livro *Minha Formação no Recife*, que estudou Direito na famosa Faculdade do Recife, relata as transformações intelectuais da capital pernambucana a partir do paradigma francês de civilização. Amado observa um Recife afrancesado em sua paisagem, nos seus móveis, nos seus adornos, nos seus hábitos de pensar, de falar, de escrever, de discursar.

Amado é transformado por um Recife francês. Principalmente através do mundo simbólico, em especial nas áreas do direito, da literatura e da filosofia, na qual era envolvido intelectualmente. Em relação à literatura francesa o livro de memórias de Amado impressiona pelo número amplo de referências de autores e livros; leituras de Chateaubriand, Victor Hugo e Balzac. O memorialista sergipano lembra ainda dos livros nas prateleiras da livraria Nogueira, uma das principais da capital pernambucana: “*Livro novo, capa branca, azul, vermelha, livros franceses. Antes de os ler guarda-lhes os títulos, os nomes dos autores e editores de Paris, Félix Alcan, Albin Michel, Lemerre, Flanmarion, Clamon Lévy, Plon*” (p.25/26). Com essas leituras, Amado acabou por adquirir hábitos ou modos recifenses de pensar, uma nova forma de escrever, mas objetiva, mais afrancesada, menos barroco, menos eloqüentes.

Todavia, apesar deste grande universo de autores e livros, um se destaca: *Augusto Comte*, e que direciona a nossa reflexão mais uma vez na principal referência no âmbito dos sistemas de pensamento no Brasil: *o positivismo*. O positivismo era bastante comum no Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e no próprio Recife, em especial na Faculdade de Direito do Recife, através dos seus professores. A base da formação de Amado (1955) foi então o positivismo.

Mas ter-me-ei perdido e extraviado num labirinto, em meio das nações, sistemas, escolas, teorias e doutrinas, da nomenclatura, do catálogo, da lista de nomes sem o fato todo acidental de ter lido, logo nessa fase, tão completamente quanto possível na minha idade, Augusto Comte.” (AMADO, 1955, p.55)

Mais a frente em seu texto, relatando os modelos de sistema de pensamento do quais os jovens de sua época seguia, através de livros de autores e nas aulas dos principais mestres da tradicional Faculdade pernambucana, Amado (1955) destaca:

O espírito de certas épocas penetra a gente, de maneira que se apreende no ar, recebe-se a doutrina dos tempos como pelos poros, mesmo sem ter estudado, passado os olhos por livro algum. Quase todo rapaz do meu tempo em Pernambuco era agnóstico, darwinista, spencerista, monista. (p.61).

Segundo Freyre (1960) o positivismo é considerado a maior influência intelectual e política que a França comunicou ao Brasil de uma forma sistemática. São marcas dessa influência, por exemplo, o caminho que correria para levar o Brasil à “revolução republicana” em 1889, substituindo na bandeira nacional o emblema monárquico pela esfera positivista com o lema: ordem e progresso.

Em Campina Grande, a figura de Hortensio de Sousa Ribeiro, foi considerada paradigmática em relação a recepção do positivismo, visto que sua formação de direito, inicialmente no Recife e a posteriori no Rio de Janeiro fora marcada pela influência positivista de Augusto Comte. Chegando a capital carioca nos anos 1910 Hortensio chegou a freqüentar a imponente igreja positivista do Brasil.

#### **4. Indícios franceses em Campina Grande**

Em Campina Grande a construção da linha férrea e a chegada do Trem em outubro de 1907 vindo do Recife representaram para os seus habitantes e para a historiografia local produzida ao longo do século XX, um marco da modernização da cidade. Isto foi devido, em parte, pela expressiva comercialização do algodão das décadas seguintes que transformaram o município em um importante centro econômico regional - por outro, pela intensificação de certas influências externas, que transformaram os cenários e os comportamentos da *urbe*, o que possibilitou a aquisição de novos valores, hábitos e idéias, propiciando assim um consumo, uma apropriação e uma ressignificação de toda uma cultura material e simbólica produzida e exportada por países europeus.

Há marcas de uma forte ressonância estrangeira em Campina Grande durante o processo de modernização nas primeiras décadas do século XX, notadamente uma interferência cultural francesa nos hábitos e costumes, - em particular por parte da elite política e intelectual local, servida pelos benefícios do comércio do algodão. Tais marcas estão presentes nas áreas da literatura, das artes, da educação, da arquitetura, entre outras dimensões do conhecimento.

Um exemplo expressivo desta influência foi à atuação de alguns agentes sociais, a exemplo do já várias vezes citado, o advogado e cronista campinense Hortensio de Sousa

Ribeiro, que foi fundador na década de 1930 do *Collège Condorcet*, de clara alusão francesa e maçônica. Hortensio ficou conhecido por vários outros intelectuais locais na época como o “*francês do cariri*”. Apelido esse, dado pelo jornalista Orris Barbosa, através da imprensa, justamente pelo seu amor a França. Nas pesquisas relacionadas a este agente social, fora descoberta uma grande série de livros em língua francesa que faziam parte de seu acervo pessoal e no qual foram doados a Biblioteca da URNE (Universidade Regional do Nordeste), hoje UEPB (Universidade Estadual da Paraíba), no ano de 1966, poucos anos depois de sua morte. São livros dos mais variados gêneros, que passam da sociologia a poesia, da história a arquitetura, a maioria editados no século XIX na própria França.

Como intelectual antenado nas concepções literárias e filosóficas da época, e lembrando que o início de sua formação foi na Faculdade de Direito do Recife, não seria exagero afirmarmos que parte de seu acervo teria sido adquirido em livrarias e sebos da capital pernambucana.

Além de advogado e cronista, Hortênsio Ribeiro foi durante muito tempo professor de História Geral e do Brasil nos principais colégios de Campina Grande e na capital (na época ainda chamada de cidade da Parahyba), ensinando nas horas vagas a língua francesa a membros da elite local. Várias das damas da sociedade aprenderam com o cronista a língua dos mais importantes literatos da época. Além de Hortênsio Ribeiro, outros professores como Anézio Leão, Almeida Barreto e Mauro Luna, também lecionaram durante décadas a língua francesa em escolas de Campina Grande, a exemplo, do PIO XI, A Imaculada Conceição (Damas) e o Colégio Alfredo Dantas (antigo Instituto Pedagógico), propagando assim a tradição cultural francesa aos jovens da elite campinense.

Não podemos esquecer ainda nesta mesma perspectiva educacional, a presença fundamental de freiras francesas que atuaram em Campina Grande no mesmo período, lecionando e/ou dirigindo durante anos educandários como o *Colégio das Damas* e o *Instituto São Vicente de Paula*. O escritor Manuel Mendes, alude à importância de uma destas freiras na sua formação, a irmã Galzy, no São Vicente de Paulo na década de 1940, em seu livro *O Menino de Tracunhaém*.

A irmã Galzy, a superiora da casa, uma francesa de Lyon, chamada pelas crianças de bonnemére, colocou Manuel na terceira série do curso primário, com a recomendação de que deveria estudar bastante, uma vez que dispunha de apenas um semestre para passar de ano. (MENDES, 1999, p.56)

Segundo Mendes (1999), a francesa Galzy teria marcado intensamente não apenas a sua trajetória de vida, afetiva e intelectual, mas de outras tantas vidas na cidade de Campina Grande nas décadas de 1930 a 1950, em especial crianças humildes que não conseguiam pagar seus estudos.

## 5. Uma Reforma Urbana Francesa

Outra dimensão que podemos salientar sobre a forte influência cultural francesa na cidade de Campina Grande refere-se a arquitetura nas décadas de 1930 e 1940, durante a reforma urbana no governo Vergniaud Wanderley, com adoção do modelo francês de planejamento urbano e com algumas ruas identificadas pelo estilo art. décor.

Na realidade a idéia de modernização no Brasil e na América Latina esteve muito ligada à noção francesa de civilização. Exemplos foram às várias intervenções urbanísticas ocorridas nas principais cidades brasileiras como em Belém, Fortaleza, Recife e Rio de Janeiro, ao longo do século XIX e no início do século XX, baseados em modelos franceses, atribuindo as capitais das províncias ares de cidade moderna e civilizadora. Tal concepção é chamado pelos historiadores de Belle Époque.

O exemplo mais conhecido na história destas intervenções urbanísticas no Brasil foi à reforma de Pereira Passos no Rio de Janeiro (na época capital do país) entre os anos de 1902 e 1906 que seguem o conceito Haussmanniano, e que por isso tiveram como ideal a reforma urbana de Paris promovida no governo de Napoleão III, sob o plano do Barão de Haussmann (1809-1891).

Uma das características do projeto de modernidade é, precisamente, colocar-se como universal, fundada nas propriedades gerais, cientificamente construídas, relativas ao homem e á sociedade. Foi em nome desta universalidade que as elites brasileiras consideravam a Europa e os Estados Unidos como símbolo da modernidade realizada, particularmente na organização industrial e nos organismo urbano, e os exportadores imaginaram que suas prescrições seriam aplicáveis em qualquer lugar, particularmente no “novo mundo” (RIBEIRO, 1996, p.18)

Esta proposta universal de modernização marcou profundamente a cultura política, ilustrada e técnica no Brasil desde o período colonial, sobretudo a partir do século XIX, e que foi formulado por uma expressiva política de expansão, colocado em prática, por exemplo, pelo envio de profissionais europeus, notadamente franceses, que passaram a ser requisitados para serviços em todos os ramos possíveis, como bem observou Carvalho (2002): “*A comunidade científica da Paris da primeira metade do século XIX irradiava*

*para o resto do mundo seus hímens de ciências, arquitetos, médicos, urbanistas, propagando suas idéias científicas e modernizadoras”.* (p.78)

Na arquitetura local, o processo de Reforma Urbana ocorrido durante os governos de Vergniaud Wanderley, transformaram consideravelmente o centro da cidade de Campina Grande, sendo um bom exemplo de como se deu os usos da influência francesa na cidade no início do século XX. Um projeto intenso e violento de saneamento, que visou produzir um embelezamento e uma modernização, com uma clara influência baseada nas reformas ocorridas em cidades como Paris, Rio de Janeiro e Recife. Ainda no círculo desta reforma urbanista implementada houve a adoção do estilo *art. décor*, movimento de artes decorativas, surgida na década de 1920 na França, e que teve seu momento de mais força nos anos 1930 em quase todo o mundo ocidental. O estilo arquitetônico fora utilizado nas fachadas das casas reconstruídas ou remodeladas e nas decorações internas das mesmas, em esculturas, vasos, etc.

Todavia, mais do que a adoção do estilo *art. décor* foi a Reforma urbana que podemos relacionar com as cidades de Paris e Recife. As reformas urbanas da capital francesa foram desenhadas um modelo de modernidade, exercendo influências sobre as cidades de todo mundo. As reformas seguiam três princípios básicos: circulação acessível e confortável dentro da cidade; eliminação da insalubridade nos bairros densos, revalorização e reenquadramento dos monumentos, unindo-se através de eixos vários e perceptivas.

Uma das características destas novas metrópoles foi a grande importância de bulevares e praças, assim como superação do traçado labiríntico medieval. Aspectos esses também trazidos para as principais ruas de Campina Grande, todavia, em vez do traçado medieval, a vítima fora a herança colonial portuguesa, de antigos casarões, em que já preponderava tanto o neoclássico da escola francesa de Recife (de Vauthier), como algumas fachadas também em estilo francês, como o *art nouveau*, do final do século XIX e primeiras décadas do século XX..

O quarteirão deixa de ser uma unidade impenetrável, onde algumas vezes era rasgado por galerias comerciais. Para os problemas de moradia para os menos favoráveis, foram criadas casas populares. Tinha como principal objetivo a formação da cidade burguesa, o que gerou a segregação social, ao leste os quarteirões pobres e ao oeste os quarteirões ricos.” (PORTO ET ALLI, 2005, p.2.715).

Sendo assim, a abertura de grandes avenidas (no caso de Campina Grande a Avenida Floriano Peixoto), as demolições de velhas edificações (exemplo da chamada Igreja dos Pretos, a Nossa senhora do Rosário, onde hoje é a Praça Clementino Procópio),

a higienização da cidade (populares foram “expulsos” das áreas nobres como a Rua Maciel Pinheiro e jogados nas periferias) e a implementação de serviços urbanos (como água e a energia) – passaram a ser classificados como “Haussmanniana”.

Tais transformações em Campina Grande, partindo de algumas sugestões de cronistas, a exemplo de Cristino Pimentel, teriam sido idealizadas, não apenas por Vergniaud Wanderley (prefeito da cidade e líder político da época), mas principalmente por um francês chamado Georges Henry Munier, famoso em todo o Nordeste na década de 1930 pela construção de várias edificações nas principais capitais nordestinas<sup>3</sup>. Ele teria vindo do Recife para Campina Grande prestar serviços como engenheiro a prefeitura da cidade. Todavia, seu nome continua sendo silenciado, pois segundo alguns rastros, possivelmente ele teria se desentendido com o prefeito, o que explica a omissão do seu nome em entrevista dada por Vergniaud Wanderley em jornal paraibano<sup>4</sup>.

Uma prova clara, do vínculo existente entre a França, o Recife e Campina Grande neste período de modernização é o fato deste mesmo arquiteto ter implementado o modelo de *art décor* em diversas capitais nordestinas, a exemplo de Fortaleza, Natal e o próprio Recife.

Na década de 1930, a cidade do Recife passava por um processo de modernização, devido a administração progressista do interventor e governador Carlos de Lima Cavalcante (1930-1935, 1935-1937). Neste período, a arquitetura pernambucana passava por transformações influenciadas por paradigma racionalistas, presente seja no estilo *art décor*, como nas experiências das vanguardas artísticas modernistas das primeiras décadas do século XX. (SMITH & FREITAS, 2008, p.5)

O emprego de concreto armado possibilitou novos tipos de construções, desenvolvidos por profissionais locais ou emigrados, que conheciam as realizações internacionais executadas com esse material. Entre eles, a figura do francês George Munier, o carioca Hugo Marques, e os pernambucanos Heitor Maio Filho, Jorge Martins e Fernando Almeida, se destacaram. No caso específico de Munier ele também se utilizou

---

<sup>3</sup> Entre as principais obras planejadas por George Munier na região Nordeste na década de 1930 podemos destacar: o *Palácio do Comércio*, em Fortaleza, o *Casarão da antiga bolsa de valores* (hoje Caixa Cultural do Recife), o *Grande Hotel e Cine-Fax* em Natal, entre outros. Em Campina Grande, Munier teria planejado o Grande Hotel, hoje a Secretaria de Administração da Prefeitura Municipal, e os frontões das lojas da Rua Maciel Pinheiro em *art décor*.

<sup>4</sup> A entrevista referida foi realizada pelo jornalista Ronaldo Dinoá, inicialmente publicada no jornal *Diário da Borborema* na década de 1970, e posteriormente contida no volume 1 do seu famoso livro *Memórias de Campina Grande*. Na entrevista Vergniaud Wanderley coloca-se como o idealizador único da Reforma Urbana campinense. Perguntado quais foram os prédios públicos construídos em sua administração assim o político se referiu: “*Mercado Público (...), a Prefeitura Municipal, o Grande Hotel, a Recebedoria de Rendas, a Empresa de luz (...), o Matadouro, a Empresa Telefônica (...). Afora esses prédios construí praças, abri praças e avenidas*” (APUD, p.206).

destas técnicas para planejar o Grande Hotel em Campina Grande, obra em *art décor* e planejou as mudanças nas fachadas da Rua Maciel Pinheiro.

## 6. A França como Referencial simbólico

Podemos perceber as diversas áreas das quais a influência francesa se fez existir. Todavia, é necessário compreendermos inicialmente uma prática cultural bastante comum no século XIX no norte do Brasil (hoje Nordeste): a adoção de nomes e sobrenomes franceses em famílias tradicionais, seja por uma ligação direta (questão de descendência), seja por uma apropriação cultural. No caso da descendência, podemos citar como exemplo a família Arnauld, advinda da França no século XVII para a Paraíba, que nos deu tanto Arnoud, como Arnaldo. Quanto à questão da apropriação, tal prática cultural fora bastante comum entre as elites nortistas durante o século XIX, são exemplos a família Chateaubriand Bandeira de Melo, da cidade de Umbuzeiro, Paraíba, no qual um dos principais descendentes diretos da família acabou por colocar o nome do escritor François Chateaubriand em todos os sobrenomes dos seus filhos na segunda metade do século XIX, alguns dos mais conhecidos e reconhecidos descendentes desta família são, por exemplo, o jornalista Assis Chateaubriand Bandeira de Melo (grande nome da imprensa brasileira) e o médico Francisco Chateaubriand de Melo (um dos primeiros médicos formados no Recife que trabalharam em Campina Grande no início do século XX).

Outro exemplo da francofilia relacionada a apropriação de nomes franceses é da família Wanderley, quando o coronel Virgulino Wanderley, natural de Patos, pôs no início do século XX o nome dos seus dois filhos homens, homenageando o escritor francês Lamartine. São eles: Vergniaud Wanderley (Já citado várias vezes nesta monografia, ex-prefeito de Campina Grande e ex-Senador da República) e Mirabeau Wanderley. Os dois nomes estariam contidos no livro *A História dos Girondinos*, do próprio Lamartine<sup>5</sup>.

É perceptível então, a ligação entre a elite política e intelectual com as leituras francesas, principalmente no âmbito da literatura e da filosofia. Segundo Freyre (1960) “*O livro francês agiu grandemente a favor da irradiação da cultura francesa no Brasil;*

---

<sup>5</sup> Referência contida em crônica de Hortênsio Ribeiro publicada no jornal A Imprensa em 1947, quando da morte de Virgulino Wanderley. Posteriormente tal crônica fez parte da antologia publicada em seu livro *Vultos e Fatos* (1979).

*isto é, entre grupos de elites”* (p.219). Podemos afirmar assim, que tal afrancesamento colocou a língua francesa como a segunda língua mais utilizada e importante no Brasil, inclusive nos periódicos. Exemplo disso podemos citar, os jornais *O Campina Grande (1908)* e *Quinze de Novembro (1909)*, periódicos pertencentes ao grupo de estudantes da Faculdade de Direito do Recife, ao qual seu líder fora Antonio Pessoa de Sá. Tais periódicos traziam epígrafes de autores em francês como La Bruyere logo após o título dos jornais.

Desta forma, através da verificação de determinadas práticas sociais dos letrados campinenses nas primeiras cinco décadas do século XX, podemos confirmar o fenômeno da circulação e da recepção de determinadas idéias, provenientes da cultura francesa, a exemplo das modas literárias parisienses (organização de Grêmios e associações literárias, já discutidas no segundo capítulo desta monografia) e o fato de intelectuais, com destaque para Cristino Pimentel, Hortensio Ribeiro, entre outros, citarem exaustivamente em variadas crônicas, autores franceses dos mais variados. Cristino Pimentel era dos mais ativos cultuaradores de escritores da França<sup>6</sup>.

A língua francesa também era a maneira mais fácil de estudar, visto que livros importados nas áreas de Arquitetura, Engenharia, Medicina, botânica, entre outros, eram escritos em francês e consumidos de maneira muito intensa em Recife. O ensino do Francês fazia também parte do cotidiano das famílias de renda, sendo uma necessidade intelectual para o prosseguimento da educação. Juntamente com o português, a língua francesa seria um conhecimento importantíssimo. O que explica o bom número de intelectuais campinenses que ensinaram a língua de Baudelaire em escolas da elite local, como Anézio Leão e Almeida Barreto, nos educandários PIO XI, Damas e Colégio das Damas.

Todavia, a partir da década de 1930, o paradigma francês começa a entrar em crise, em decadência, em especial quando dos preliminares conflitos de segunda grande guerra (1939-1945). De acordo com Lyra Tavares (1979)

Após a Segunda Guerra, o Brasil passou a receber uma poderosa e crescente influencia norte americana. A língua inglesa passou a substituir o francês. pela condição geográfica e pelas contingências criadas com a última grande guerra.(p.17)

Essa mudança fora percebida em Campina Grande através de uma pertinente alusão realizada por Sousa (2001), sobre as defesas dos letrados campinenses a favor

---

<sup>6</sup> Cristino Pimentel, em varias crônicas publicadas em livros, há muitas alusões de autores franceses a exemplo de Rousseaud, Diderot, Victor Hugo, etc.

dos esteios do progresso e da civilização em Campina Grande nas primeiras décadas do século passado, inclusive de cultores da Ilustrada França. Segundo este historiador *a França seria a principal referencial simbólico para a elite intelectual local*, citando inclusive o fato de certos francofilistas, a exemplo dos jornalistas Antonio Mangabeira e João Mendes, ao escreverem em jornais indignados com a invasão e a tomada da França pelos alemães durante a segunda guerra mundial, em artigos intitulados: “A França Eterna Vive” (1938) e “A Força que Cedeu” (1940).

## 7. Referencias Bibliográficas

- AMADO, Gilberto. *Minha Formação no Recife*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.
- CARVALHO, Gisele Melo de. *Interiores Residenciais Recifenses: A Cultura Francesa na Casa Burguesa do Recife no Século XIX*. Dissertação de Mestrado, UFPE, 2002.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Artes de Fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- DINOÁ, Ronaldo. *Memórias de Campina Grande*. (2 vols). Campina Grande: s/editora, 1993.
- FREYRE, Gilberto. *Um Engenheiro Francês no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.
- LYRA TAVARES, Aurélio de. *Brasil França ao longo de 5 séculos*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1979.
- JOFFILY, Irineu e et alii. *Coletânea de Autores Campinenses*. Campina Grande: Edições da Comissão Cultural do Centenário, 1964.
- MELO, Josemir Camilo de. *Ferrovias Inglesas e mobilidade social no Nordeste (1850-1900)*. Campina Grande: EDUFCG, 2008.
- MENDES, Manuel. *O Menino de Tracunhaém*. Brasília, Thesaurus, 1999.
- PORTO, Aline et alli. A Influencia “Hausmanniana” nas intervenções urbanísticas em cidades Brasileiras. In: *XI Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação*. 2005. p. 2714-2717.
- RIBEIRO, Hortênsio. *Vultos e Fatos*. Campina Grande, Secretaria de Educação e Cultura, 1979.
- RIBEIRO, Luis César de Queiroz. Transferências, empréstimos e traduções na formação urbanística no Brasil. IN: RIBEIRO, Luis César de Queiroz; PECHAMAN, Robert. *Cidade, Povo e Nação. Gênese do Urbanismo Moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- ROUANET, Sérgio. Este século tem dois anos a propósito do bicentenário de Victor Hugo. In: *Revista Brasileira*. Fase VII, Outubro/Novembro/Dezembro, 2002, Ano IX, nº. 33.
- SMITH, Roberta & FREITAS, Marcelo. Estudo para a preservação da arquitetura moderna da cidade do Recife (1930-1960). *Revista da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia*. Salvador: 04 a 07 de Junho de 2008.
- SOUSA, Fabio Gutemberg Ramos Bezerra de. *Cartografias e Imagens da Cidade: Campina Grande – 1920-1945*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2001.